

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS
MISSÕES
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ERECHIM
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PEDAGOGIA**

EMILY RODRIGUES FOPPA

**PLANEJAMENTO DE SALA DE AULA E PEDAGOGIA DE PROJETOS:
REPENSANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA**

ERECHIM - RS

2018

EMILY RODRIGUES FOPPA

**PLANEJAMENTO DE SALA DE AULA E PEDAGOGIA DE PROJETOS:
REPENSANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia, Departamento de Ciências
Humanas, da Universidade Regional
Integrada do Alto Uruguai e das Missões-
Campus Erechim.**

**Orientadora: Profa. Me. Rosane Fátima
Vasques**

ERECHIM - RS

2018

Dedico esta pesquisa à minha mãe, cuja dedicação e cuidado me enriquecem. Sua presença significou segurança e a certeza de que não estou sozinha. Eterno amor e gratidão à pessoa mais importante da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e à fé que nele deposito; por me cuidar e me guiar. por esse Ser maior que nos dá forças quando mais precisamos.

À minha família, pelo carinho, cuidado e incentivo que não me deixaram desanimar nos momentos de cansaço e pela torcida durante toda minha caminhada na graduação.

Agradeço imensamente à minha mãe, ao Alan e ao Bernardo, minha inspiração maior de todos os dias. Obrigada por me trazerem paz na correria de cada semestre. Vocês são as luzes da minha vida.

Um agradecimento especial às amigas que o curso me proporcionou: eterno quarteto. Obrigada por tudo o que vivemos junto e, principalmente, obrigada pela amizade de todos os dias.

À minha professora e orientadora, Rosane Vasques, minha eterna gratidão, pela dedicação, correções, atenção e paciência. Obrigada por aceitar me orientar durante todos esses meses, fazendo o possível para que esta pesquisa fosse realizada. Eu admiro muito você! Obrigada por todos os ensinamentos.

Por fim, agradeço a todos que fizeram parte da minha caminhada que, de uma forma ou outra, colaboraram para esta fase tão importante da minha vida.

Há um tempo em que é necessário abandonar as roupas usadas que já tem a forma do nosso corpo. Esquecer os caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: Se não ousarmos fazê-la, teremos ficado pra sempre, à margem de nós mesmos.

(Fernando Pessoa)

RESUMO

Sabe-se que o sucesso da aprendizagem escolar depende de diversos fatores, sendo o trabalho pedagógico central nessa promoção. Desse modo, investigar a forma como o professor organiza, planeja e avalia em suas aulas é imprescindível para pensar a qualidade da educação escolar. Diante dessa premissa, a presente pesquisa busca apresentar a Pedagogia de Projetos como uma proposição ao planejamento de sala de aula. Para isso, compreende-se a importância da organização do trabalho pedagógico, bem como se identificam os diferentes níveis e tipos de planejamento que envolvem o sistema escolar, dentre eles o Projeto Político Pedagógico, o planejamento educacional, planejamento curricular, o planejamento de ensino e o planejamento escolar. Nesse sentido, é possível depreender o quanto é importante os professores elaborarem bons planejamentos, haja vista a interferência no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Para tanto, foca-se a Pedagogia de Projetos a partir da construção de um projeto que visa aos interesses, sonhos e necessidades da turma. Esse método de ensino busca conquistar a atenção e curiosidade dos alunos, proporcionando uma participação ativa de todos os envolvidos. Nessa perspectiva, o aluno constrói seu próprio conhecimento, sendo o professor o mediador do ensino. Assim, é possível realizar um planejamento que se aproxime da realidade, valorizando as vivências, tornando o aluno um ser autônomo, participativo e ativo.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem. Planejamento. Pedagogia de Projetos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 O TRABALHO DOCENTE.....	9
2.1 A organização do trabalho pedagógico.....	9
2.2 O processo de ensino e aprendizagem.....	13
3 O PLANEJAMENTO ESCOLAR.....	17
3.1 O primeiro plano: Projeto Político Pedagógico.....	17
3.2 Planejamento: níveis e tipos	19
4 A PEDAGOGIA DE PROJETOS.....	26
4.1 Pedagogia de Projetos: conceituando.....	26
4.2 Pedagogia de Projetos: uma proposição ao planejamento	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

A prática pedagógica fundamentada em um bom planejamento, adequada à realidade dos alunos, aliada a uma consistente formação pedagógica do professor, alicerça o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula. Na atualidade, quando falamos a respeito do papel do professor, imediatamente, são recuperados aspectos relativos ao planejamento escolar e o quanto este se faz necessário prática docente, haja vista que se constitui em um norte para a atuação, auxiliando na organização do trabalho pedagógico e no bom desempenho profissional.

Menegolla e San'Anna (2005) afirmam que o planejamento serve de instrumento direcional a todo o processo educacional, uma vez que determina e estabelece as prioridades, ordenando os recursos e meios necessários para o alcance das metas e objetivos do processo educativo.

Dessa forma, o planejamento é essencial à organização do trabalho docente, podendo interferir diretamente no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Essa organização evita improvisação e norteia a prática educativa, a fim de promover a formação dos alunos.

Para que um planejamento alcance êxito é necessário partir da construção de projetos com o propósito de definir, de maneira clara, os objetivos do planejamento. Para que isso se efetive, é preciso que os professores contem com um aporte teórico bem fundamentado, identifiquem todas as etapas e procedimentos, considerem a estrutura física, as funções dos protagonistas, as necessidades destes, os materiais e as técnicas a serem utilizadas no momento de aplicação do mesmo, permitindo assim, a programação dos propósitos gerais antes da execução. Desse modo, a proposição é a de que os professores façam uso da Pedagogia de Projetos, a qual procura compreender a realidade da turma ao aguçar a curiosidade e o interesse dos alunos por meio de projetos desenvolvidos coletivamente.

Fonte (2014) destaca que a Pedagogia de Projetos surge com a necessidade de envolver a educação com a realidade dos alunos, reestruturando a prática de ensino e a postura do educador, evitando, assim, uma aprendizagem passiva.

Sob tal perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo repensar o planejamento a partir da Pedagogia de Projetos, que prevê a abertura para conhecimentos e problemas de interesse que partam dos alunos, buscando valorizar as ideias e hipóteses dos mesmos. Desse modo, o professor pode buscar, a partir do tema, a construção de soluções, trocando saberes no grupo como um todo.

Para colocarmos em evidência o tema, estruturamos a pesquisa em três seções

independentes, mas, ao mesmo tempo, intercomplementares, além da introdução e das considerações finais.

A primeira seção, intitulada “O trabalho docente”, apresenta a importância da organização do trabalho pedagógico para o processo de ensino e aprendizagem, bem como tenta compreender como este se efetiva.

Na segunda seção, “O planejamento escolar”, definimos o Projeto Político Pedagógico como o primeiro plano, conceituando os diferentes níveis e tipos de planejamento, sendo eles: educacional, escolar, curricular, e do ensino.

E por fim, a terceira seção, “Pedagogia de Projetos”, conceitua-a, buscando a compreensão dessa modalidade de trabalho pedagógico, tendo em vista uma proposição ao planejamento do professor.

2 O TRABALHO DOCENTE

A presente seção tem como foco analisar a importância da organização do trabalho pedagógico. Para tanto, apresentamos meios para que ocorra essa organização, entrelaçando-a ao envolvimento da prática para efetivação do processo de ensino e aprendizagem.

2.1 A organização do trabalho pedagógico

Libâneo, Oliveira e Toschi (2012) acreditam que todos os atos e acontecimentos em uma escola têm caráter pedagógico, no sentido de que as práticas dessa organização e da gestão ensinam, levando as pessoas a refletir sobre suas ações, assim como a gestão também aprende com as pessoas. Sendo assim, enfatizam:

A organização e a gestão são meios para atingir as finalidades do ensino. É preciso ter clareza de que o eixo da instituição escolar e a qualidade dos processos de ensino-aprendizagem que, mediante procedimento didático-pedagógicos, propiciam melhores resultados de aprendizagem. (LIBÂNEO, OLIVEIRA e TOSCHI, 2012, p. 420).

Ao referir-se ao planejamento, Souza (1996, p. 51), destaca que “o estado, por intermédio da Secretaria da Educação, organiza o trabalho docente, tendo como pressuposto professores e alunos abstratos”, o que, de certa maneira, dificulta o processo educativo como um todo. Ou seja, as relações de trabalho docente resumem-se praticamente à sala de aula, e as jornadas não possibilitam um espaço coletivo de trabalho, o que inviabiliza, muitas vezes, a formulação de projetos pedagógicos em conjunto.

Além desse aspecto, é importante uma posição pedagógica nas escolas com a finalidade de organizar os espaços, construir sentidos e abrir possibilidades para conexão entre a prática docente e a prática pedagógica, conforme afirma Franco (2012, p. 163): “A prática docente avulsa, sem ligação com o todo, perde o sentido”. Essa ligação corresponde às leis e as lógicas do fazer pedagógico, mediadas entre si, não podendo desconectar-se para não perder seu sentido original.

Segundo Souza (1996), o trabalho do professor é isolado na sala de aula. Por conseguinte, não acontece troca de experiências, não há espaços coletivos para reflexão e trocas de ideias com os colegas. Reúnem-se apenas para os conselhos de classe (uma vez a cada bimestre), sendo raras as possibilidades para reuniões pedagógicas, muitas vezes, uma

vez por ano.

No entanto, Souza (1996) evidencia que, apesar das dificuldades para organização do trabalho, há um movimento permanente em busca da qualificação. Os professores, assim, “buscam apreender ‘saber-fazer’” (ibid., p.69). A autora ainda salienta que a qualificação se constrói por meio das experiências e do processo de escolarização, sendo que a mesma possibilita também despertar a criatividade, resolver situações de conflitos em sala de aula, dos próprios professores, bem como estimula o desenvolvimento de pesquisas e novos estudos.

Franco (2012) destaca a importância da pesquisa, pois a profissão professor exige permanente estudo, o que pode ampliar e engrandecer, de modo significativo, a prática pedagógica, sempre se mantendo em produção e socialização dos saberes, bem como analisando e redirecionando a avaliação das suas próprias práticas. Ademais, a autora afirma que as práticas pedagógicas docentes devem ser recriadas e repensadas a cada dia, sempre no sentido do projeto inicial, que pode ir alterando-se conforme demanda e necessidades. Dessa forma, acredita que não há projeto, nem mesmo práticas prontas. Ao contrário, sempre há presença de processos que organizam comportamentos de adaptação, renovação, decorrentes das transformações de mundo e de vida.

De acordo com Souza (1996), no trabalho docente, o professor tem controle sobre seu próprio trabalho, pois planeja e atinge a concretude no momento em que ministra sua aula. Salienta que o trabalho do professor não se resume a uma rotina repetitiva, ele precisa estar sempre em busca de iniciativas, ter responsabilidade e identificar-se com a docência. Para a referida autora, o professor qualificado é aquele que apresenta domínio sobre o conteúdo, que está sempre estudando, pesquisando e atento às mudanças, destacando a qualificação como um processo constante.

Nesse sentido, é imprescindível a busca constante de metodologias para que o docente consiga organizar seu trabalho, sempre priorizando as reais necessidades e interesses dos alunos. Isso prova a importância da formação autônoma do profissional, no sentido de decidir o que, como, quando e que atitude deve tomar, buscando reafirmar os valores e os saberes, prezando a melhoria e qualidade educativa permanentemente.

Segundo Franco (2012), o professor, ao construir a sua prática, está em processo de constante diálogo com o que faz, por que o faz e como faz, como um movimento de olhar, avaliar e refazer, construir e desconstruir, enfim, sempre buscando novos meios e possibilidades, a fim de dar vida à prática pedagógica. Conforme a autora, é necessário o professor analisar sua prática, refletir, dialogar, buscar e pesquisar maneiras de impor formas

de fazer, inovando sua prática docente sempre em busca da construção de saberes.

Souza (1996) corrobora com o que os autores afirmam, enfatizando que o professor representa o próprio trabalho como possibilidade de abrir caminhos. Só que, para isso, ele precisa ter domínio de conteúdos, ampliar seus conhecimentos, estudar, pesquisar e ter um bom relacionamento com os alunos. Também é importante que o professor esteja em busca de qualificação e sinta prazer pelo exercício da docência, não deixando de se indagar sobre as condições de trabalho e a organização do mesmo, focando principalmente na aprendizagem, no resultado do trabalho, e no crescimento dos alunos.

Na direção em que as práticas pedagógicas docentes foram adquirindo uma forma estruturada, Franco (2012, p. 166) afirma que esse método engessou-se, distanciando-se de seu sentido original. Assim, as práticas foram transformando-se em rituais, técnicas de fazer muito, perdendo a maneira de pensar e repensar a partir da interpretação dos sujeitos. “Temos visto escolas mortas, sem alma, atividades sem sentido e sem criatividade.” Desse modo, a autora enfatiza que as práticas devem deixar de lado ideias ultrapassadas, buscando oferecer uma construção coletiva, com novas vivências, conhecimentos, saberes, incorporando vida à escola.

Além disso, para Franco (2012) a prática docente não muda por decreto, por conhecimentos de teoria ou cursos de capacitação. Ela está sempre correlacionada às condições da escola e com as formas de lidar com a realidade. Sendo assim, a prática deve ser construída de maneira crítica e criativa e não como uma ação mecânica, uma vez que sua perspectiva é utilizar os participantes como sujeitos da prática, a fim de engrenar transformações no coletivo. A autora ainda afirma que o professor sozinho não transforma a sala de aula e que as práticas pedagógicas devem funcionar como espaço de diálogo. Desse modo, a sala de aula configura-se como um espaço no qual ocorre múltiplas determinações decorrentes das práticas pedagógicas.

Zanon e Mendes (2009) compreendem o trabalho docente como um saber pedagógico, um saber que o professor constrói no seu cotidiano de trabalho, o que fundamenta sua ação docente. Assim é o saber que ocasiona a interação do professor com seus alunos. Sob esse prisma, a aula se constitui em um ato político, no qual são confrontadas, discutidas e refletidas ideias, tendo em vista a compreensão, construção e reconstrução de conhecimentos.

Libâneo, Oliveira e Toschi (2012) salientam que o acompanhamento do Projeto Político Pedagógico como um plano bem definido entre todos os membros escolares e comunidade, associado a um bom clima de trabalho, uma boa estrutura organizacional, a colaboração da equipe diretiva e coordenação, articuladas com os professores, as condições físicas e

materiais, a estrutura curricular, a troca de ideias e a busca por inovações com base em conhecimentos e experiências são fatores fundamentais para que aconteça, de maneira proveitosa e significativa, o ensino e a aprendizagem.

[...] a escola é o local do trabalho docente, e a organização escolar é espaço de aprendizagem da profissão, no qual o professor põe em prática suas convicções, seu conhecimento da realidade, suas competências pessoais e profissionais, trocando experiências com os colegas e aprendendo mais sobre o seu trabalho. (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, 2012, p. 427).

Ainda Zanon e Mendes (2009) ressaltam que, no momento da aula, os docentes precisam estar atentos em seus planejamentos, tendo clareza que, para a efetivação do seu trabalho, é necessário dominar e conhecer os conceitos com os quais trabalha. Logo, é preciso ter o entendimento de que a prática docente garante o bom desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem e reflete a dimensão social de sua profissão. Nesse sentido, os autores destacam que esse processo é possível por meio da formação continuada, de espaços para estudo, de discussões sobre o processo de ensino e aprendizagem, enfim, de todas as questões pertinentes ao trabalho pedagógico, a fim de esclarecer e transformar a ação docente.

Diante disso, é possível refletirmos sobre a existência de uma escola, na qual a realidade da participação e responsabilidade do professor não deve ser apenas na sala de aula. Assim, entendemos que o professor deve estar em constante participação num todo escolar, na organização e na gestão, contribuindo para uma comunidade escolar de aprendizagem, como assinalam Libâneo, Oliveira e Toschi (2012, p. 520):

A comunidade de aprendizagem pode ser um ponto de partida para que as escolas e seus profissionais se mobilizem para a superação de comportamentos muito comuns no ambiente escolar: o isolamento, o individualismo, a resistência a mudanças, o conformismo, a indiferença, o imobilismo.

Além disso, os autores prezam por uma gestão democrática e participativa efetiva, pois são responsáveis para que a escola melhor se organize e proporcione aprendizagem aos alunos, requerendo conhecimentos, habilidades e procedimentos práticos. Afirmam também que o trabalho nas escolas demanda processos de mudança nas formas de gestão, bem como mudanças nos modos individuais de agir e de pensar.

Sob essa perspectiva, a formação docente, inicial e continuada, deve envolver ações de desenvolvimento tanto organizacional como individuais e grupais, fazendo, assim, acontecer a participação do professor de modo ativo na organização e na gestão do trabalho na escola,

haja vista que o trabalho docente exige responsabilidade.

Zanon e Mendes (2009) esclarecem que o planejamento do professor e a organização dos momentos da aula não devem se constituir em uma mera atividade repetitiva sem compreensão, como já mencionamos. Com efeito, o planejamento deve orientar o agir docente em suas práticas junto aos alunos para que garantam o ensino e aprendizagem e reelaborem seus conceitos constantemente.

Além disso, é essencial a reflexão sobre o trabalho docente e o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, pois a profissão de professor tem como objetivo a formação dos educandos. Sendo assim, requer do professor domínio de conhecimentos para que possa trabalhar em sala de aula como mediador do processo, intermediando relações dialógicas em sala de aula, além de estabelecer relações interdisciplinares entre as diferentes áreas do conhecimento.

2.2 O processo de ensino e aprendizagem

Na perspectiva de uma prática docente ser composta por inúmeras ideias, leituras e reflexões, verificamos que os professores, além de ensinar, querem que seus alunos aprendam e apresentem interesse e gosto pela aprendizagem. Para Carlini et al. (2004), a preocupação do professor em como ensinar os alunos está implícita no processo de ensino e aprendizagem, pois eles estão conectados, gerando um vínculo entre quem ensina e o aprendiz. “Quando ensino algo a alguém, parto do pressuposto de que quero que esse alguém aprenda o que está sendo ensinado. Para isso, penso e elaboro o modo como esse aprendizado será transmitido.” (CARLINI et al., 2004, p.18).

Ao referir-se a esse vínculo, Libâneo (2013, p. 81) argumenta:

A tarefa principal do professor é garantir a unidade didática entre ensino e aprendizagem, através do processo de ensino. Ensino e aprendizagem são duas facetas de um mesmo processo. O professor planeja, dirige e controla o processo de ensino, tendo em vista estimular e suscitar a atividade própria dos alunos para a aprendizagem. [...] A condução do processo de ensino requer uma atividade clara e segura do processo de aprendizagem: em que consiste, como as pessoas aprendem, quais as condições externas e internas que o influenciam.

Ainda Carlini et al. (2004) ressaltam que é preciso contextualizar o processo de ensino e aprendizagem, ou seja, na construção do planejamento, o professor deve refletir sobre alguns pontos importantes como:

- a) Quem são meus alunos?
- b) Quais são suas experiências?
- c) Em que região a escola está situada?
- d) Que fatos históricos esses alunos estão vivendo no momento?
- e) Como eles aprendem?
- f) O que eles esperam das minhas aulas?

Salientam também a importância do professor determinar, de maneira clara, a forma que ministrará os itens do conteúdo programático, precisando estar atento ao que foi escrito no planejamento de ensino para, a partir disso, organizar o planejamento da sua aula.

O delineamento e o encaminhamento das reflexões-ações são construídos pelo professor ao longo de seu percurso profissional. Ele escolherá que procedimentos de ensino serão usados para uma aula com determinado conteúdo, para aquele momento do processo de ensino-aprendizagem. (CARLINI et al., 2004, p.20).

Complementarmente ao que os autores afirmam, Libâneo (2013) declara que o ensino busca estimular, dirigir, incentivar e impulsionar o processo de aprendizagem, porém tem um caráter eminentemente pedagógico, ou seja, apresenta um rumo definido para o processo educacional que se realiza na escola. Em relação à aprendizagem, entende-a como uma forma de conhecimento humano, a qual se desenvolve sob as condições específicas do processo de ensino. “O ensino não existe por si mesmo, mas na relação com a aprendizagem.” (LIBÂNEO, 2013, p. 98).

Em síntese, Libâneo (2013, p.103), ressalta que uma qualidade importante do professor é “saber lançar pontes (ligações) entre as tarefas escolares e as condições prévias dos alunos para enfrentá-las, pois é daí que surgem as forças impulsionadoras da aprendizagem.” Assim, para um estudo ativo, é preciso o envolvimento do aluno, bem como um ensino organizado, a fim de provocar a vontade de aprender e superar as dificuldades possíveis.

Nesse sentido, o professor precisa analisar qual a metodologia pode utilizar para determinada turma, a fim de envolver todos, estimulando o interesse dos alunos. Carlini et al (2004) salienta que os procedimentos de ensino são escolhas da prática docente, cujo intuito é o de propiciar uma aprendizagem significativa aos educandos, causando-lhes transformação. Afirmam também que, para que aconteça o ensino e aprendizagem, é necessário apresentar os objetivos de ensino bem definidos, juntamente com a caracterização da turma, a seleção adequada dos conteúdos, bem como os procedimentos de ensino e avaliação, também como meio de orientar o trabalho do professor em direção à necessária qualidade.

Além disso, Libâneo (2013) enfatiza que os processos de ensino e aprendizagem podem comprometer-se no momento em que o ensino se caracteriza pela memorização e não pelo entendimento, ou quando não ocorre o envolvimento ativo dos alunos. Salienta, nesse segmento, quando o professor trabalha apenas para facilitar a aprendizagem e não ensinar. Para o referido autor, devem ser estabelecidas exigências e expectativas para que os alunos possam cumpri-las e, com isso, mobilizem suas energias, sempre no sentido de impulsionar a aprendizagem.

Dessa forma, Vasconcellos (2006) salienta que a escola deve ser um ambiente que busca um papel social de humanização e emancipação, sendo essencial que o professor esteja sempre em constante busca de novas alternativas, repensando e refletindo sobre sua prática. Para o autor, existem finalidades indispensáveis quanto ao processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, mostra como pertinente possibilitar a reflexão e a ressignificação do trabalho, bem como resgatar ações que estimulem a criatividade do educador, pesquisando e analisando sua própria prática. Além disso, estabelecer comunicação com outros professores e alunos e buscar uma organização do seu trabalho por meio de planejamento é uma forma competente de buscar a eficiência e a qualidade no processo de ensino e aprendizagem.

Franco (2012) afirma que o processo de ensinar e aprender ocorre por meio das práticas pedagógicas que se organizam para concretizar as expectativas educacionais. Ou seja, práticas com intencionalidade, que dirigem e dão sentido à ação e que, para tanto, necessitam de planejamento, levando em consideração a realidade social. Nessa relação de ensino e aprendizagem, a autora destaca:

As aprendizagens ocorrem entre os múltiplos ensinamentos que estão presentes, inevitavelmente, nas vidas das pessoas e que competem ou potencializam o ensino escolar. Há sempre concomitâncias de ensino. Aí está o desafio da tarefa pedagógica hoje: tornar o ensino escolar tão desejável e vigoroso quanto outros ensinamentos que invadem a vida dos alunos. (FRANCO, 2012, p. 4).

Bulgraen (2010) afirma que, pensando nessa prática social, não basta preparar apenas os conteúdos de sala de aula, mas também, resgatar conhecimentos mais amplos para que os alunos possam interpretar suas experiências e suas aprendizagens na vida social. Ou seja, considerar o contexto e os conhecimentos que os alunos trazem consigo.

Ainda nas palavras de Bulgraen (2010), o professor, além de ser educador e transmissor de conhecimento, deve atuar, ao mesmo tempo, como mediador da aprendizagem, instigando o aluno a pensar e a refletir, muito diferente de apenas receber informações de maneira passiva.

Nesse sentido, percebemos que em relação à educação, o docente tem a grande responsabilidade de dar oportunidade para o aluno expor suas ideias, facilitando o processo de ensino e aprendizagem.

Vasconcellos (2007) destaca algumas estratégias de ensino importantes que funcionam como formas diversas para apresentação de conteúdo tais como: aula expositiva, aula dialogada e trabalhos por projetos. Antes de colocá-las em prática, o docente deve se questionar se está transmitindo um conjunto de informações consideradas importantes à formação dos alunos, questionar-se sobre a maneira que vem sendo cumprido seu papel e se os alunos estão despertando curiosidade para querer aprender e construir uma aprendizagem significativa por meio da maneira que a aula está sendo apresentada.

Assim sendo, entendemos a importância para mudanças e melhorias no processo de ensino e aprendizagem, o cuidado em pensar no ensino, bem como quais métodos e estratégias são mais adequados e que, de fato, chamem a atenção do aluno, propiciando-lhe o interesse e envolvimento da turma no decorrer da aula.

Em relação a esse aspecto, Tunes, Tacca e Bartholo Júnior (2005) enfatizam que o professor deve obter uma compreensão do aluno para saber o que deve realizar em seu trabalho para uma melhor produtividade. Para isso, deve permitir que seus alunos se expressem para analisar o que lhes compete realizar e qual o fluxo do desenvolvimento, uma vez que o professor é o organizador do ambiente e o aluno é quem dirige o seu próprio processo de aprendizagem.

Desse modo, compreendemos a importância da organização do trabalho pedagógico como maneira de viabilizar o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes por meio de propostas criativas e com sentido. Para tanto, cabe ao professor um planejamento adequado que busque alcançar tais objetivos, visando ao envolvimento da sua prática, a fim de promover o ensino, o que será abordado na seção que segue.

3. O PLANEJAMENTO ESCOLAR

Conforme Libâneo, Oliveira e Toschi (2012), o planejamento consiste em ações e procedimentos para decidir a respeito de objetivos e atividades. Segundo os autores, é um processo para conhecer e analisar a realidade escolar em suas condições concretas, para elaboração de um plano ou de um projeto para a instituição. Assim, o planejamento do trabalho possibilita uma previsão de tudo o que será feito em relação aos vários aspectos da organização da escola, priorizando as atividades que necessitam de uma atenção maior. Para isso, as responsabilidades são divididas para cada setor e aos membros da equipe escolar.

Do mesmo modo, o planejamento escolar divide-se em diversos níveis e tipos. Conveniente, então, conceituá-los e caracterizá-los, bem como apresentar sua importância para o processo de organização e para o bom funcionamento escolar e, especialmente, para compreender sua relevância para o processo de ensino e aprendizagem.

3.1 O primeiro plano: Projeto Político Pedagógico

Libâneo, Oliveira e Toschi (2012) enfatizam que toda organização precisa de um plano para indicar os objetivos e os meios para a realização destes, superando a improvisação e a falta de rumo. Essa atividade de planejamento resulta, portanto, naquilo que denominamos de Projeto Político Pedagógico. Nas palavras dos autores, “O projeto é um documento que propõe uma direção política e pedagógica ao trabalho escolar, formula metas, prevê as ações, institui procedimentos e instrumentos de ação.” (ibid., p. 470).

Ao conceituar Projeto Político Pedagógico, Vasconcellos (2009, p. 17) corrobora:

O Projeto Político - Pedagógico é o plano global da instituição. Pode ser entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um Planejamento Participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. É um instrumento teórico- metodológico para a intervenção e mudança da realidade. É um elemento de organização e interação da atividade prática da instituição neste processo de transformação.

Pelas palavras dos estudiosos, identificamos o valor do planejamento que se apresenta como um norte para os demais acontecimentos das instituições escolares. Notamos que seu significado e referência contribuem para a construção do conhecimento coletivo, uma vez que essa construção requer a participação de todos os membros envolvidos, numa tentativa de intervenção e mudança da realidade escolar de modo flexível, aberto e democrático.

Para Libâneo, Oliveira e Toschi (2012), a expressão projeto pedagógico confere a uma amplitude de planejamento, abrangendo todo o conjunto de atividades escolares. Assim, com a prática de uma gestão participativa, consolida-se o projeto pedagógico pensado, discutido e formulado coletivamente, também como forma de construção da autonomia da escola, por meio da qual toda equipe é envolvida nos processos de decisões.

Vasconcellos (2009) aponta finalidades do Projeto Político Pedagógico como resgatar a intencionalidade da ação, ser um instrumento de transformação da realidade, ajudar a construir a unidade e não uniformidade, ajudar a atingir fins essenciais do processo educacional, ser um canal de participação efetiva, superando práticas autoritárias e individualistas, aumentando o grau de realização do trabalho, além de fortalecer o grupo e colaborar na formação dos participantes. Para o autor, apesar da amplitude dos objetivos, não cabe ao Projeto Político Pedagógico a resolução de todos os problemas da escola, pois é essencial o envolvimento e compromisso de todos os participantes.

Entendemos que, enquanto possibilita a melhor definição da identidade da instituição, a abertura de horizontes, favorece uma certa estabilidade para a caminhada, leva a um maior comprometimento, favorece a definição de linhas, metas mais claras para o trabalho, fundamenta reivindicações, leva à conquista de mais espaço para uma educação de qualidade democrática, o Projeto é um instrumento de luta! (VASCONCELLOS, 2009, p. 21).

Nesse sentido, inferimos que o Projeto Político Pedagógico constitui-se em uma importante contribuição no sentido de auxiliar na construção da autonomia da escola, criando um clima, no qual os professores se integram, participam e se comprometem com o que acontece na escola, priorizando o processo de ensino e aprendizagem, bem como mantendo um vínculo de diálogo com a comunidade, a fim de poder tomar iniciativas para melhorar o processo educativo da escola.

Para Veiga (1995), os termos do Projeto Político Pedagógico têm o seguinte significado: denomina-se projeto, pois busca um rumo, uma direção, é uma ação intencional com objetivos definidos coletivamente; é político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade e é pedagógico por definir as ações educativas e as características necessárias para as escolas cumprirem suas intencionalidades.

O projeto político-pedagógico é entendido, como a própria organização do trabalho pedagógico da escola. A construção do projeto político pedagógico parte dos princípios de igualdade, qualidade, liberdade, gestão democrática e valorização do magistério. A escola é concebida como espaço social marcado pela manifestação de práticas contraditórias, que apontam para a luta e ou acomodação de todos os envolvidos na organização do trabalho pedagógico. (VEIGA, 1995, p. 22)

Nesse sentido, a construção do Projeto Político Pedagógico equivale ao processo de luta como maneira de se contrapor à rotina e à fragmentação do trabalho pedagógico, em busca de uma prática participativa e de uma gestão organizadora.

Para Bussmann (1995), o desafio que o Projeto Político Pedagógico carrega consigo é o entendimento de que todo o projeto é um processo sempre em construção. Cabe, então, estabelecermos discussões críticas e criativas a respeito do mesmo, tendo em vista uma construção com esforço comum, responsável, no sentido de aperfeiçoá-lo e renová-lo constantemente. Além disso, ressalta que o projeto político pedagógico, ao ser discutido, elaborado e assumido coletivamente, facilita o processo educativo com qualidade e ação coletiva dos professores envolvidos, assim como envolve a função diretiva da escola e a coordenação a fim de cuidar da política educativa, administrando a consecução dos objetivos.

Podemos afirmar pelo exposto, que o Projeto Político Pedagógico configura-se no eixo norteador, mas que o planejamento escolar é composto de outros níveis e tipos, descritos na sequência.

3.2 Planejamento: níveis e tipos

Ao referir-se ao planejamento, Libâneo (2013, p. 246) afirma que:

O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. [...] A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo; é, antes, a atividade consciente de previsão das ações docentes, tendo como referência permanente as situações didáticas concretas.

Nessa perspectiva, percebemos a importância do planejamento como um meio para programar e organizar o trabalho docente, bem como um momento de pesquisa, reflexão e comprometimento. Para que isso aconteça, é necessário que o planejamento apresente uma ordem, objetividade, coerência e flexibilidade, como argumenta Vasconcellos (2006, p. 38): “O planejamento só tem sentido se o sujeito coloca-se numa perspectiva de mudança.” Nessa lógica de pensamento, para o autor, o fator decisivo para a significação do planejamento é a percepção da necessidade de mudança, uma vez que a construção de projeto e de planejamento surge do ponto de partida em que algo na prática precisa ser modificado, transformado ou aperfeiçoado.

Ainda Vasconcellos (2006) destaca algumas finalidades do planejamento como um

instrumento de transformação da realidade:

- a) possibilitar uma (re)significação do trabalho, sempre resgatando o sentido da ação educativa, meio de combater a alienação;
- b) dar coerência à ação da instituição, integrando e mobilizando o coletivo;
- c) ajudar a prever e superar as possíveis dificuldades;
- d) racionalizar os esforços, o tempo e os recursos, a fim de buscar fins essenciais do processo educacional.

Ao encontro das ideias do autor, Menegolla e Sant'Anna (2005) enfatizam que o ato de planejar deve partir das necessidades e urgências por meio de sondagem da realidade. Assim, afirmam que essa sondagem é o primeiro passo do planejamento, pois, é por meio desse conhecimento da realidade, que analisamos e estabelecemos, com mais precisão, as reais necessidades que devem ser enfocadas no ato de planejar.

Desse modo, percebemos que o ato de planejar prevê a realização de acontecimentos futuros, exigindo uma construção de previsão em vários aspectos como todos os recursos e meios necessários nas diferentes etapas do seu desenvolvimento e da sua execução para alcançar os objetivos desejados.

Uma das etapas principais do processo de planejamento é a definição e seleção dos melhores objetivos. Porque são os objetivos que vão dar toda orientação e direção à dinâmica do processo de planejamento, como também à sua execução. Os objetivos constituem o núcleo e a dinâmica do planejamento; são eles que determinam e orientam todas as demais etapas do ato de planejar. (MENEGOLLA e SANT'ANNA, 2005, p. 20).

A partir do exposto, notamos a importância com que os objetivos do planejamento aparecem, devendo expressar intenções claras e bem determinadas, bem como incluir etapas e prazos a ser desenvolvidos para, assim, delinear toda a execução do plano.

Libâneo (2015) afirma que o planejamento se concretiza em planos e projetos, tanto da escola e do currículo, quanto do ensino, sendo que estes são um esboço, um esquema para representar uma ideia, um objetivo, uma sequência de ações para orientar a prática pedagógica.

Vistas as definições do planejamento em um sentido mais amplo, resta-nos apresentar brevemente os diferentes níveis de planejamento no ramo educacional:

- a) o planejamento educacional;
- b) o planejamento escolar;

- c) o planejamento curricular;
- d) o planejamento de ensino.

Ao dirigirmos nossa atenção ao planejamento educacional, conferimos a ampla perspectiva desse nível de planejamento em conformidade com Coaracy, (1972 apud SANT'ANNA et al 1989, p. 14):

Processo contínuo que se preocupa com o 'para onde ir' e 'quais as maneiras adequadas para chegar lá', tendo em vista a situação presente e as possibilidades futuras, para que o desenvolvimento da educação atenda tanto as necessidades do desenvolvimento da sociedade, quanto as do indivíduo.

Assim para Coaracy (ibid., p. 15), são objetivos do planejamento educacional:

- relacionar o desenvolvimento do sistema educacional com o desenvolvimento econômico, social, político e cultural do país, em geral, e de cada comunidade, em particular;
- estabelecer as condições necessárias para o aperfeiçoamento dos fatores que influem diretamente sobre a eficiência do sistema educacional (estrutura, administração, financiamento, pessoal, conteúdo, procedimentos e instrumentos);
- alcançar maior coerência interna na determinação dos objetivos e nos meios mais adequados para atingi-los;
- conciliar e aperfeiçoar a eficiência interna e externa do sistema.

Nessa linha de raciocínio, Menegolla e Sant'Anna (2005) afirmam que o planejamento educacional torna-se necessário, pois é o instrumento básico para que todo processo educacional desenvolva sua ação, de modo que englobe e integre todos os recursos e direcione toda ação educativa. Para que essa grande organização aconteça, são elaborados Planos Nacionais e Estaduais de Educação, como também os Planos Municipais de Educação.

Os Planos Nacionais de Educação - PNE (2001-2010; 2014-2024), por exemplo, são elaborados para traçar diretrizes, metas e estratégias à política educacional para um período de dez anos. Por conseguinte, esses planos tornam-se o eixo norteador que a educação brasileira deve seguir para melhorar sua qualidade em um plano mais macro, no âmbito das Secretarias e do Ministério da Educação.

Num segundo nível é que surge o planejamento escolar. Consoante Libâneo (2013), esse planejamento serve de guia, pois nele são estabelecidas as diretrizes e os meios para realização do trabalho docente. Com a função de orientar a prática, não deve ser considerado um documento rígido e absoluto; deve estar sempre em movimento, adequando-se às necessidades reais. O plano também deve ter uma ordem sequencial, progressiva. Ou seja, para alcançar determinado objetivo, é necessário passar por várias etapas e estas devem

seguir uma sequência lógica. Ainda, deve levar em consideração a objetividade e a correspondência entre o plano com a realidade a que se vai aplica-lo. Em outras palavras, fazer previsões dentro da possibilidade dos recursos e dos alunos. Ademais, é preciso estabelecer coerência entre os objetivos, os conteúdos, os métodos e a avaliação, haja vista a necessidade de relação entre ideias e prática. De igual maneira, o plano deve ter flexibilidade, pois, no decorrer do ano, as condições concretas e a realidade estão sempre em movimento.

O plano de escola é o plano pedagógico e administrativo da unidade escolar, onde se explicita a concepção pedagógica do corpo docente, as bases teórico –metodológicas da organização didática, a contextualização social, econômica, política e cultural da escola, a caracterização da clientela escolar, os objetivos educacionais gerais, a estrutura curricular, diretrizes metodológicas gerais, o sistema de avaliação do plano, a estrutura organizacional e administrativa. (LIBÂNEO, 2013, p. 255).

Nas palavras de Libâneo (2013), percebemos que o plano de escola serve de guia ao processo de ensino, sendo imprescindível o conhecimento e uso dos professores para que, a partir disso, construam e elaborem suas práticas escolares. Para o autor, o plano de escola pode ser elaborado por um ou mais integrantes do corpo docente e, em seguida, discutido por todos. O documento final deve expressar posicionamentos e a prática dos professores, conforme o próprio autor afirma:

No planejamento escolar o que se planeja são as atividades de ensino e de aprendizagem, fortemente determinadas por uma intencionalidade educativa envolvendo objetivos, valores, atitudes, conteúdos, modos de agir dos educadores que atuam na escola. (LIBÂNEO, 2015, p.125).

Essa construção, então, não é individual. Ao contrário, deve ser uma elaboração conjunto, pois cabe, além do momento de planejamento, uma ação para reflexão do trabalho, ocorrendo, num primeiro plano, em nível micro, no âmbito da escola.

Sobre o planejamento curricular, Libâneo (2015) acredita que é ele quem define o que ensinar, o pra que ensinar e o como ensinar, assim como as formas de avaliação. Nesse sentido, é um planejamento entre o projeto pedagógico e a ação prática, o que viabiliza o processo de ensino e aprendizagem.

Em relação a esse planejamento curricular, Sacristán (1998, p. 38) destaca:

[...] planejar o currículo para seu desenvolvimento em práticas pedagógicas concretas não só exige ordenar seus componentes para serem aprendidos pelos alunos, mas também prever as próprias condições do ensino no contexto escolar ou fora dele. A função mais imediata que os professores devem realizar é a de planejar ou prever a prática do ensino.

Complementar às ideias apresentadas, Alves (2011) afirma que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), elaborados pelo Ministério da Educação (MEC), têm o objetivo de estabelecer uma referência curricular e apoiar uma revisão ou uma elaboração da proposta curricular dos Estados. Ou seja, é uma proposta de referência para que as escolas garantam aos alunos uma educação de qualidade, com acesso aos conhecimentos necessários para integração em sociedade.

Entretanto, o planejamento curricular, segundo Sant'Anna et al. (1989, p. 17):

Portanto o currículo de hoje deve ser funcional. Deve promover não só a aprendizagem de conteúdo e habilidades específicas, mas também fornecer condições favoráveis à aplicação e integração desses conhecimentos. Isto é viável através da proposição de situações que favoreçam o desenvolvimento das capacidades do aluno para solucionar problemas, muitos dos quais comuns no seu dia-a-dia. A previsão global e sistemática de toda ação a ser desencadeada pela escola, em consonância com os objetivos educacionais, tendo por foco o aluno, constitui o planejamento curricular. Portanto, este nível de planejamento é relativo à escola. Através dele são estabelecidas as linhas-mestras que norteiam todo o trabalho.

Cabe salientarmos ainda que, para Veiga (1995), a organização do currículo escolar implica diretamente na interação do sujeito, não podendo, portanto, ser considerado um instrumento neutro, nem mesmo ser separado do contexto social, pois expressa uma cultura.

Ainda, conforme Sant'Anna et al. (1989, p. 17), são objetivos do planejamento curricular:

- ajudar aos membros da comunidade escolar a definir seus objetivos;
- obter maior efetividade no ensino;
- coordenar esforços para aperfeiçoar o processo ensino-aprendizagem;
- propiciar o estabelecimento de um clima estimulante para o desenvolvimento das tarefas educativas.

Desse modo, “o planejamento curricular constitui, portanto, uma tarefa continua a nível de escola, em função das crescentes exigências de nosso tempo e dos processos que tentam acelerar a aprendizagem.” (ibid., p. 18) Por isso, é um trabalho complexo que exige, em sua construção, constante estudo e investigação por parte dos envolvidos.

Da especificação do planejamento curricular, surge o planejamento de ensino, que Libâneo (2013, p. 257) conceitua como um “roteiro organizado das unidades didáticas para um ano ou semestre”. Em sua elaboração, deve constar a justificativa da disciplina, o delineamento dos conteúdos, os objetivos específicos, o desenvolvimento metodológico, a introdução, a preparação e desenvolvimento do conteúdo e a aplicação.

Ao tratar do planejamento de ensino, Sant'Anna et al. (1989, p. 18-19) aponta que:

O professor que deseja realizar uma boa atuação docente sabe que deve participar, elaborar e organizar planos em diferentes níveis de complexidade para atender, em classe, seus alunos. Pelo envolvimento no processo ensino-aprendizagem, ele deve estimular a participação do aluno, a fim de que este possa, realmente, efetuar uma aprendizagem tão significativa quanto o permitam suas possibilidades e necessidades. O planejamento, neste caso, envolve a previsão de resultados desejáveis, assim como também os meios necessários para alcançá-los. A responsabilidade do mestre é imensa. Grande parte da eficácia de seu ensino depende da organicidade, coerência e flexibilidade de seu planejamento.

À vista disso, compreendemos que o planejamento do ensino não pode ser compreendido de maneira mecânica e desvinculado das relações entre escola e realidade histórica, pois, fundamentalmente, as experiências de vida dos alunos devem ser levadas em consideração.

Essa relação nos mostra como um processo necessário pode possibilitar que o aluno, ao receber os conhecimentos passados, relacione-os à sua realidade, de modo que venha reelaborar novos conhecimentos. Nessa perspectiva, percebemos que esse planejamento exige uma ação pedagógica condizente ao processo de ensino e aprendizagem e não apenas à concepção mecânica e burocrática do trabalho docente.

É preciso tempo para que os educadores aprofundem seus conhecimentos sobre os alunos e sobre o que estão aprendendo. É preciso tempo para acompanhar e avaliar o projeto político pedagógico em ação. É preciso tempo para os estudantes organizarem e criarem seus espaços para além da sala de aula. (VEIGA, 1995, p. 30).

Assim sendo, o processo de planejamento do ensino deve ser repensado, no sentido em que deve ser visto como um planejamento dirigido para uma ação pedagógica crítica, transformadora, que possibilite segurança ao professor, buscando um planejamento adequado e com um bom resultado.

Além disso, para Sant'Anna et. al (1989, p. 19-20), são objetivos do planejamento de ensino:

- racionalizar as atividades educativas;
- assegurar um ensino efetivo e econômico;
- conduzir os alunos ao alcance dos objetivos;
- verificar a marcha do processo educativo.

Para que esses objetivos sejam alcançados, é necessário alicerçar-se no pressuposto de que a interação professor-aluno é o suporte da ação educativa, e a dinâmica desta é que

concretiza o fenômeno educativo.

Pelo exposto, percebemos que o processo de planejamento ocorre em diversos níveis, podendo ser, assim, descritos:

- a) planejamento educacional: o mais amplo e geral, que prevê a estruturação e o funcionamento da totalidade do sistema educacional
- b) planejamento escolar: relacionado às prioridades do planejamento educacional, servindo de base para definir a ação proposta pela escola, ressaltando o Projeto Político Pedagógico como identidade da instituição escolar, norteando as práticas juntamente com os diferentes níveis de planejamento;
- c) planejamento curricular: que busca os melhores meios de desenvolver a ação escolar;
- d) planejamento de ensino: que parte dos pontos referenciais estabelecidos no planejamento curricular e se refere à prática do professor e sua relação com o aluno.

Ao compreendermos os diferentes níveis e tipos de planejamento, depreendemos o quanto é importante buscar uma prática pedagógica que vise planejar numa visão realista e não simplista, visando à aprendizagem efetiva dos estudantes de maneira significativa. Para contemplarmos isso, na próxima seção, apresentamos uma proposição de planejamento sob a ótica da Pedagogia de Projetos.

4 A PEDAGOGIA DE PROJETOS

Após compreendermos a importância da organização do trabalho pedagógico para o processo de ensino e aprendizagem, bem como os diferentes tipos de planejamento para que essa organização aconteça, nosso intuito é o de conceituar e caracterizar a Pedagogia de Projetos, bem apresentá-la como uma proposição ao planejamento do professor.

4.1 Pedagogia de Projetos: conceituando

Partindo da ideia de Fonte (2014) que o trabalho com projetos possibilita aos alunos tomarem decisões, opinarem, debaterem, construindo, assim, a autonomia e formando-se sujeitos culturais e críticos, só nos resta acreditar que a escola não pode ser um “mundo a parte”. Nessa construção, enquanto espaço educativo, precisa estar vinculada ao mundo real e concreto dos alunos, conforme o próprio autor argumenta:

A educação deve ser voltada para a realidade e para as necessidades dos alunos, e a Pedagogia de Projetos quer suprir essa necessidade, reestruturando a prática de ensino e as posturas do educador, tornando a educação uma prática efetiva onde o aluno e o professor possam se realizar cada um na sua função, sendo o professor um mediador do conhecimento e não um detentor de todo o saber. (FONTE, 2014, p. 65).

Percebemos a importância do ponto de partida para construção de projetos, destacando a necessidade de se rever a prática, com o intuito de criar possibilidades reais para suprir necessidades, norteando as funções discentes e docentes, sempre em busca da troca de saberes e da aprendizagem. Para Fonte (2014), é essencial, para o desenvolvimento de um projeto, o envolvimento do grupo, a responsabilidade e a autonomia, assim como a cooperação e a resolução de problemas.

Nessa perspectiva, Prado (2009) afirma que, na Pedagogia de Projetos, o aluno aprende diante do processo de produzir, questionar, pesquisar, criar relações que sempre incentivam novas buscas, descobertas, compreensões e reconstruções do conhecimento. Portanto, o papel do professor deixa de ser aquele que ensina por meio da transmissão de conhecimentos e passa a ser o que cria situações de aprendizagem, atuando como mediador, para que o aluno possa encontrar sentido naquilo que está aprendendo.

Seguindo essa linha de raciocínio, para Fonte (2014), a Pedagogia de Projetos tem o objetivo de compartilhar com os alunos uma aprendizagem com sentido, na qual vê a

educação como principal mecanismo, pelo qual o ser humano projeta e constrói a sua própria vida. Para que isso se efetive, é necessário compreender que cada aluno aprende no seu ritmo e que cada um pode compreender por métodos diferentes.

Constatamos, então, que esse tipo de projeto busca proporcionar uma aprendizagem ativa e interessante, abrindo maior espaço para o envolvimento dos educandos, isto é, os próprios sujeitos constroem o conhecimento e transformam ideias em realidade.

Hernández (1998) define os projetos de trabalho não como uma metodologia, mas como uma concepção de ensino, uma maneira diferente de proporcionar a compreensão dos alunos sobre os conhecimentos que circulam fora da escola e de ajudá-los a construir sua própria identidade. Para o autor, a intenção dos projetos corresponde a:

- dar um sentido ao conhecimento baseado na busca de relações entre os fenômenos naturais, sociais e pessoais, ajudando-nos a compreender melhor a complexidade do mundo em que vivemos;
- planejar estratégias para abordar e pesquisar problemas que vão além da compartimentalização disciplinar. (ibid., p.73)

Nesse sentido, Araújo (2008) atenta que, se pensarmos nessa organização, podemos desenvolver uma prática baseada em pedagogia de projetos, ou seja, é possível acreditarmos no processo de ensino e aprendizagem nas instituições escolares por meio de projetos, pois estes apresentam estratégias significativas à construção do conhecimento.

Para Antunes (2012), trabalhar com projetos somente se justifica quando os alunos colocam interesse e energia na busca da aprendizagem, uma vez que o ideal é que a escolha dos temas se desenvolva no consenso entre a orientação do professor e a curiosidade dos alunos.

Guedes et al. (2017) afirmam que a ideia principal da Pedagogia de Projetos é fazer com que o ator principal do processo de ensino e aprendizagem, o aluno, participe com mais dedicação em toda a construção do conhecimento. Dessa maneira, caracteriza-se a Pedagogia de Projetos pela forma com que aborda um determinado tema, no qual permite uma aproximação da identidade e das experiências dos alunos, entrelaçando-as com os conteúdos escolares e com os conhecimentos e saberes da realidade social e cultural.

Assim, ao professor é possível ultrapassar os conteúdos curriculares trabalhados tradicionalmente nas escolas, tendo em vista as necessidades e interesses dos alunos. Outro aspecto a destacar é que o projeto permite que o aluno desenvolva uma atitude ativa e reflexiva diante de suas aprendizagens e do conhecimento construído na medida em que percebe o sentido e o significado disso para sua vida e para sua compreensão de mundo

(GUEDES et al., 2017).

Castro e Sousa (2008) enfatizam que as práticas curriculares em que o professor é o centro do saber propicia transformações nas escolas que acarretam na interligação com a sociedade e com o envolvimento restrito dos alunos no processo de aprendizagem. Diante desse cenário, no início do século XX, o filósofo John Dewey propõe uma nova concepção de educação, a Pedagogia ativa, atual Pedagogia de Projetos, visando a uma prática pedagógica, por meio da qual o aluno se constitui em sujeito de seu próprio conhecimento pela aplicação de projetos no contexto escolar, evidenciando as experiências de vida adquiridas.

Ao referir-se à Pedagogia de Projetos, Dalla Zen (2001) caracteriza-a como uma construção na qual o aluno é o protagonista de sua aprendizagem, associando-se a essa concepção uma visão interdisciplinar de organização das práticas, a fim de buscar aprendizagens significativas com a construção de sentido sobre os temas de estudo. Para que isso se efetive, é necessário que o professor envolva-se com alguns compromissos como:

- Escutar e observar os alunos, tomando como ponto de partida para o planejamento seus entendimentos e interesses;
- respeitar a estrutura de tempo de cada um, promovendo uma variedade de atividades e de “escolhas” de aprendizagem;
- acompanhar os alunos em processos contínuos, interpretando suas estratégias de raciocínio e as percepções que constroem, para desenvolver propostas pedagógicas adequadas as suas possibilidades cognitivas. (ibid., p.5).

Hernández e Ventura (1998) elucidam a ideia de que a aprendizagem por projetos de trabalho se baseia em sua significatividade, bem como a diferença dos interesses dos alunos se baseia nas descobertas espontâneas dos mesmos. Nesse sentido, globalização e significatividade são aspectos essenciais nos projetos, destacando as diferentes fases e atividades que devem ser desenvolvidas nos projetos que ajudam os alunos a se tornarem conscientes de seu processo de aprendizagem, exigindo do docente, planejamentos abertos a novos desafios que estabelecem um estrutura aberta e flexível dos conteúdos escolares.

É importante destacar que a informação necessária para construir os Projetos não está determinada de antemão, nem depende do educador ou do livro-texto, está sim em função do que cada aluno já sabe sobre um tema e da informação com a qual se possa relacionar dentro e fora da escola. (ibid., p. 64).

Lobato, Alves e Fratari (2010) acreditam que o trabalho com a Pedagogia de Projetos é o caminho para criar crianças autônomas, críticas, reflexivas, responsáveis e construtoras de sua própria história. Destacam ainda que projeto não é uma tarefa individual, e sim, coletiva, pois precisa contar com a participação da família, da instituição, de outros profissionais da

área, enfim, de todos envolvidos com a educação, como assevera Bomtempo (2003, p. 7):

Possibilita uma escola alicerçada no real, aberta a múltiplas relações com o exterior, onde o aluno trabalha intensamente e dispõe dos meios para afirma-se. Permite que ele construa o sentido de sua atividade e oportuniza ao aluno viver com alegria, entusiasmo e conflito as suas experiências, propiciando-lhe melhor compreensão da historicidade do nosso tempo, facilitando sua formação como pessoa consciente de seu papel de construtor da história.

Essa busca por fontes de informação favorece a autonomia dos alunos, principalmente, pelo diálogo que acaba proporcionando relações entre o objeto estudado e a realidade dos alunos, o que ajuda a dar sentido à aprendizagem e, conseqüentemente, atingir os objetivos que se pretende com o projeto (LOBATO; ALVES; FRATARI, 2010).

Assim, ao conceituarmos Pedagogia de Projetos, compreendemos a possibilidade de planejar, aproximando-nos da realidade dos alunos, a fim de construirmos uma aprendizagem significativa, despertando-lhes a curiosidade e o interesse, permitindo, com isso, a participação ativa de todos.

4.2 Pedagogia de Projetos: uma proposição ao planejamento

Considerando o planejamento como um orientador da prática pedagógica, por meio do qual se prevê a interação de todos os envolvidos na instituição escolar, cujo objetivo é o de buscar resultados positivos para o processo de ensino e aprendizagem, é possível obtermos um mapeamento para os caminhos e rumos que desejamos seguir, a fim de evitarmos situações improvisadas. Alves (2011) ressalta a importância do comprometimento de todos envolvidos para que possam intervir no processo de ensino e aprendizagem com o intuito de alcançar objetivos e qualidade na educação.

No entanto, Azanha (2004) questiona o período de planejamento escolar, alegando que, muitas vezes, este se transforma numa rotina burocratizada, na qual professores acabam formulando e apresentando planos individuais de suas próprias disciplinas, sem um trabalho conjunto, sem integração.

Nesse sentido, Freire (1996) nos faz refletir sobre o planejamento enquanto fonte para o ensino e aprendizagem para que os educadores criem possibilidades para construção do conhecimento pelos próprios alunos, consoante sua forma de ver o planejamento: “Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (ibid., p. 27).

Complementar ao pensamento de Freire, é a posição de Fonseca (1999, p. 97):

De tudo, ficam as marcas! [...] Marcas de quão singular é o processo, o que significa para um pode passar despercebido por outro. Mas o mais importante é que ninguém fecha o ano da mesma forma como o iniciou. O crescimento físico, as mudanças e o aprimoramento dos conceitos, os que deixamos de lado e os que incorporamos... são situações importantes para todos os envolvidos, alunos e professora. Isto é um processo ativo, isso é uma construção!

Ao refletirmos sobre o que Fonseca (1999) nos provoca a pensar, que tanto professor quanto aluno crescem, mudam, evoluem e que todos precisam ser atores ativos nesse processo, acreditamos que repensar a prática pedagógica do professor pode ser um caminho para tornar o aluno mais ativo. A partir disso, pensamos que a Pedagogia de Projetos se apresenta como uma possibilidade produtiva e desafiadora de planejamento, ao passo que, como é descrita a seguir, toma o aluno como um ser autônomo, participativo e ativo do processo de ensino e aprendizagem.

Segundo a ideia de Nogueira (2008), a palavra projeto, origina-se do latim *projectu*, “lançado para adiante”. Com isso, visualizamos o projeto antecedido por sonhos, vontades, necessidades, fatores que sejam impulsionadores para o ato de projetar. São esses fatores que levam o sujeito a iniciar suas buscas, dando espaço ao surgimento do novo, permeados por ações que levam à realização do projeto.

Assim, é necessário repensarmos os projetos dentro de uma concepção mais ampla, a de Pedagogia de Projetos, que visa estender a visão em função de uma prática, como corrobora Nogueira (2008, p. 33): “É função dos educadores voltar seus esforços para que a práxis esteja norteada para a excelência e não para a simplificação.”

Além disso, para Hernández e Ventura (1998), na escolha do tema, o professor os alunos devem se questionar sobre a necessidade, relevância, interesse ou oportunidade para trabalhar determinado tema, todos analisando o processo de ensino e aprendizagem, necessário levar adiante para construir conjuntamente o projeto. Ainda, para os autores, após a escolha do tema, o professor deve estabelecer os objetivos que pretende alcançar para, então, definir as atividades dos alunos, destacando a importância da interação com a turma, para articular sentido na construção do projeto. Devem ser pensadas, também, estratégias de aprendizagem para, em seguida, serem executadas e, após, avaliadas com o intuito de saber se os alunos estão realizando uma aprendizagem significativa. Nesse sentido, os autores destacam:

Numa concepção sobre a relação de ensino aprendizagem como a que sustenta o trabalho por Projetos, as três fases da prática docente – planejamento, ação e avaliação – não podem entender-se senão como um sistema de inter-relações e complementariedades. (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998, p. 91).

Se considerarmos um projeto a realização de um ato de projetar, de sonhar, entendemos que os alunos precisam estar envolvidos nessa construção, pois são eles os executores do projeto. Sendo assim, devem partir deles o interesse e as necessidades para a construção do mesmo. Fonseca (1999) argumenta que, para iniciar o trabalho em uma turma, deve haver um interesse na história anterior dos seus alunos, com o objetivo de mapear as possibilidades para o ano. Exatamente esse interesse é que acaba refletindo o início do processo de planejamento em que acontecem as primeiras interações.

Fonte (2014) acredita que o professor, ao trabalhar com projetos, deve respeitar os diferentes estilos e ritmos de trabalhos de seus alunos, desde a etapa do planejamento e escolha do tema. Ou seja, não é o professor quem planeja e os alunos executam, ambos realizam juntos, como sujeitos da aprendizagem. Para o autor, o ponto central da Pedagogia de Projetos é o envolvimento de todo o grupo com o processo. Nesse caso, afirma que um tema pode surgir dos alunos, mas isso não garante a efetiva participação de todos no desenvolvimento do projeto.

O que caracteriza o trabalho com projetos não é a origem do tema, mas o tratamento dado a esse tema, no sentido de torna-lo uma questão do grupo como um todo e não apenas de alguns alunos ou do professor. Portanto, os problemas ou as temáticas podem surgir de um aluno em particular, de um grupo de alunos, da turma, do professor ou da própria conjuntura. O que se faz necessário garantir é que esse problema passe a ser de todos. (ibid., p.32)

Para o referido autor, o aluno, ao desenvolver suas habilidades e competências de maneira colaborativa com o grupo, torna sua aprendizagem mais significativa e produtiva, pois aprende a conhecer o outro e a se conhecer melhor por meio do outro.

Do mesmo modo, Nogueira (2008) acredita que a estruturação inicial do projeto se dá por meio do planejamento, o qual apresenta como objetivo a organização para uma efetiva execução. Destaca também a relevância do ato de planejar para os alunos, salientando essa proposta como uma aprendizagem e uma forma de possibilitar a autonomia dos mesmos ao traçarem planos e projetos, compreendendo o conceito de flexibilidade.

O ato de planejar é de extrema importância para os alunos, pois de alguma forma eles sempre esperam que disséssemos com qual cor eles deveriam pintar o céu, e quando partimos para uma atividade que trabalha a autonomia, eles podem sentir-se perdidos, se não estruturarem suas ações. (ibid., p. 80)

Para Nogueira (2008), quando os alunos trabalham com projetos, não precisam receber informações estruturadas, prontas, somente pelo professor, pelo fato de não serem as únicas fontes de conhecimento. O professor deve atuar como facilitador, proporcionando diversos materiais de pesquisa, facilitando, então, a construção do conhecimento.

Conforme Fonte (2014), as crianças chegam à escola, curiosas por novidades, mas, por outro lado, trazem consigo um grande conhecimento e visão de mundo. Nesse caso, o professor não deve desprezar esses conhecimentos prévios; ao contrário, deve partir deles para desenvolver melhor o seu trabalho.

Sob essa perspectiva, o professor, após observar os alunos, faz uma sondagem dos interesses e necessidades dos mesmos para pesquisar estratégias que os ajudem a desenvolver autonomia e pensamento crítico dentro da realidade sociocultural que a escola está inserida. Desse modo, a base da “Pedagogia de Projetos é tornar o aluno autor de sua própria história, logo valoriza-se a sua participação ativa, propondo vivências de situação-problema, refletindo sobre elas e tomando atitudes diante dos fatos.” (FONTE, 2014, p. 25).

Ainda segundo Fonte (2014), o trabalho a partir de projetos exige do professor uma postura flexível, sempre em constante pesquisa, estimulado por desafios. Para isso, não há um currículo rígido que torne as atividades prazerosas e significativas aos alunos. Isso só pode acontecer se todos estiverem envolvidos em uma experiência em que o processo de conhecimento integre-se às práticas da vida real. Em outras palavras, “os alunos deixam de ser apenas receptores do conteúdo de uma área de conhecimento qualquer, e o professor não é o detentor do saber absoluto tampouco transmissor de conteúdos estanques” (ibid., p. 26)

Para Nogueira (2001), a primeira etapa para iniciar um projeto são os sonhos, desejos e necessidades dos alunos, ou seja, o interesse do aprendiz. Assim, é possível que o aluno perceba o poder de descobrir algo e produzir, a partir de suas descobertas, tendo como melhor resultado o seu próprio desenvolvimento.

Após iniciar o projeto, num segundo momento, o autor destaca a etapa do planejamento, no qual o professor, juntamente com os alunos, respondem a perguntas como: o que planejar? por que trabalhar determinado assunto? quais os objetivos? como e quando realizar o projeto? quem realiza cada atividade? quais os recursos disponíveis?

Na sequência, surge a etapa de execução, ou seja, colocar em prática tudo o que foi planejado, momento em que o aluno rompe com a passividade. “Aquilo que antes era irreal, um esboço de desejo, começa a se concretizar e o projeto passa a criar vida.” (NOGUEIRA, 2001, p.100).

Além disso, conforme Nogueira (2001), há a etapa de depuração, momento

importante, por meio do qual, o professor reflete sobre a melhoria da qualidade e da aprendizagem do projeto, isto é, analisa e questiona os estudantes a respeito de tudo o que foi realizado, se poderia ser feita alguma coisa a mais ou se existe algo desnecessário e imprescindível. Desse modo, o aluno entende que é possível (re)elaborar, criar novas hipóteses, mudar percursos, enfim, alterar caminhos e processos.

Destacamos que a depuração deve acontecer durante a etapa de execução, analisando o que foi abordado. Quando o professor sentir que os alunos estão satisfeitos com a produção, pode encaminhá-los à etapa denominada apresentação, que dá oportunidade à equipe de expor suas descobertas, hipóteses, criações e conclusões.

Por fim, Nogueira (2001) apresenta a etapa da avaliação, que pode gerar oportunidade de estimular os alunos a refletirem sobre todo o trabalho realizado, verificando possíveis alterações, bem como novas hipóteses. Após o término da etapa de apresentação, o professor deve conduzir a etapa de avaliação, proporcionando espaço para que os estudantes apresentem suas críticas, opiniões e sugestões. Nessa etapa, todos envolvidos devem avaliar todas as etapas realizadas por meio de análises e reflexões sobre toda a prática.

Compreendemos, pelas ideias expostas, como a maneira de planejar interfere na aprendizagem dos estudantes. Portanto, planejar, a partir da Pedagogia de Projetos, é uma possibilidade de aproximarmos da realidade e dos interesses dos alunos, impulsionando uma aprendizagem de qualidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educadores e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.

(Paulo Freire)

As palavras de Freire nos fazem refletir sobre a importância de não interrompermos o acontecimento da transformação, do saber e da criatividade no processo educativo, uma vez que são imprescindíveis à construção do conhecimento significativo.

Para tanto, o papel do professor, nesse processo, é essencial, pois, a partir do seu trabalho e atuação é que podem ser impulsionadas medidas que guiem para um caminho de ensino com criatividade, aproximando-se do estudante para que, com efeito, ocorra a construção do conhecimento e a transformação de saberes.

Para que isso aconteça, é necessário que o professor organize seu trabalho por meio de planejamentos que visem estabelecer um norte à sua prática, uma previsão sobre o que irá acontecer, bem como uma reflexão sobre sua atuação, sobre o andamento das atividades e a aprendizagem dos estudantes.

Nessa ótica, o planejamento busca orientar todo o processo de mudança e a tomada de decisões em relação ao ensino e aprendizagem com o objetivo de seguir os caminhos para construções significativas.

Ao finalizarmos esta pesquisa que teve como objetivo apresentar a Pedagogia de Projetos como uma proposição ao planejamento de sala de aula, inferimos que essa prática pode ser uma maneira de propiciar uma maior interação do aluno com o objeto de conhecimento, bem como os fatores necessários para um processo de ensino e aprendizagem eficaz.

Levando em consideração que não há aprendizagem do aluno sem o interesse dele em aprender, evidenciamos que buscar esse interesse em cada um faz toda diferença para o processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, a Pedagogia de Projeto mostra-se como uma possibilidade viável, pois busca realizar práticas que possibilitam o contato ativo do aluno desde o surgimento da escolha do tema, que pode partir do seu interesse, necessidade ou sonho, perpassando pelo planejamento, execução, depuração e avaliação.

Desse modo, a organização do trabalho do professor requer responsabilidade, não ocasionando momentos de aula constituídos por meras atividades repetitivas e sem compreensão. Diferentemente, o planejamento deve nortear a prática do professor, construída junto com os alunos. Isso é o que fundamenta o seu trabalho: dar sentido ao processo de ensino e aprendizagem e estar próximo da realidade dos estudantes. Essa interação entre ambos garante uma construção significativa.

Concluimos que, na Pedagogia de Projetos, o aluno constrói seu próprio conhecimento, e o professor constitui-se em mediador para que, em conjunto, aconteça a aprendizagem significativa. Desse modo, é fundamental que o professor apresente um planejamento dinâmico, no qual o projeto seja construído a partir do interesse dos alunos, de maneira a visar à participação ativa de todos os envolvidos, propondo situações e vivências que possibilitem que os mesmos reflitam e aprendam a partir da própria construção.

Por fim, concluimos que a proposição da Pedagogia de Projetos é uma estratégia didática e metodológica positiva à medida que o planejamento é repensado e parte-se do interesse dos alunos visando à ampliação da sua autonomia e, por consequência, auxilia no processo de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, vemos a necessidade de continuarmos a pesquisar sobre a Pedagogia de Projetos, pois essa maneira de conduzir o ano letivo sem mesmice, aproximando-se da realidade e das necessidades dos alunos garante um ensino significativo para os mesmos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Sigridi. **Tipos e Níveis de Planejamento**. 2011. Disponível em: <<https://rcolacique.files.wordpress.com/2013/02/tipos-e-nc3adveis-de-planejamento.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.
- ANTUNES, Celso. **Projetos e práticas pedagógicas na educação infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- ARAUJO, Ulisses Ferreira de. **Pedagogia de projetos e direitos humanos: caminhos para uma educação em valores**. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200014>. Acesso em: 20 abr. 2018.
- AZANHA, José Mario Pires. **Uma reflexão sobre a formação do professor da escola básica**. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022004000200016&script=sci_arttext&tlng=es>._ Acesso em: 30 maio 2018.
- BULGRAEN, Vanessa. **O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento**. 2010. Disponível em: <<http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/46/39>>. Acesso em: 19 mar. 2018.
- BUSSMANN, Antônia C. O projeto político-pedagógico e a gestão da escola. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto político-pedagógico da escola: Uma construção possível**. São Paulo: Papirus, 1995.
- BOMTEMPO, Luzia. Os alunos investigadores. **Revista AMAE Educando**. Belo Horizonte, 2003.
- CARLINI, Alda Luiza, et al. **Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer**. São Paulo: Avercamp, 2004.
- CASTRO, Cesar Augusto; SOUSA, Maria Conceição Pereira de. **Pedagogia de Projetos na biblioteca escolar: proposta de um modelo para o processo da pesquisa escolar**. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v13n1/v13n1a09>>. Acesso em: 20 maio 2018.
- DALLA ZEN, Maria Isabel. **Projetos Pedagógicos: Cenas de sala de aula. Mediação**: Porto Alegre, 2001.
- FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.
- FONSECA, Lucia Lima da. **Uma experiência em pedagogia de projetos**. Mediação: Porto Alegre, 1999.
- FONTE, Paty. **Pedagogia de Projetos: ano letivo sem mesmice**. Rio de Janeiro: Wak, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessárias à prática educativa**. São

Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUEDES, José Demontier; et al. **Pedagogia de Projetos: Uma Ferramenta para a Aprendizagem**. 2017. Disponível em: <<http://idonline.emnuvens.com.br/id>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNIO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização**. São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. São Paulo: Heccus, 2015.

LOBATO, Valeria Oliveira dos Santos; ALVES, Maria Cristina de Oliveira; FRATARI, Maria Helena Dias. **Pedagogia de projetos: uma experiência na educação infantil**. Olhares e trilhas: Uberlândia, 2010.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Porque planejar? Como planejar?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos projetos: etapas, papéis e atores**. São Paulo: Erica, 2008.

_____. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências**. São Paulo: Erica, 2001.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. Pedagogia de projetos: fundamentos e implicações. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel (Org.). **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2009. cap. 1, artigo 1.1, p. 12-17. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

SANT'ANNA, Flavia Maria et al. **Planejamento de ensino e avaliação**. Porto Alegre: Sagra, 1989.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Aparecida Neri de. **Sou professor, sim senhor!** Campinas, SP: Papyrus, 1996.

TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen; BARTHOLO JR, Roberto dos Santos. **O professor e o ato de ensinar**. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a08n126.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Libertad, 2009.

_____. **Planejamento:** Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. São Paulo: Libertad, 2006.

_____. **Coordenação do trabalho pedagógico:** do projeto político-pedagógico ao cotidiano de sala de aula. São Paulo: Libertad, 2007.

VEIGA, Ilma Passos A. Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção coletiva. In **Projeto Político-Pedagógico da escola:** uma construção possível. Campinas: Papirus, 1995.

ZANON, Denise Puglia; MENDES, Marjorie Emilio Bittencourt. **A aula:** momento de pensar, refletir, agir! 2009. Disponível em:
<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/38-4.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2018.